O TRAJE DA NOIVA NA CENA DO CASAMENTO

The bride's dress at the wedding ceremony

Ana Maria Amorim Mitidieri
(Mestre em Moda, Cultura e Arte – SENAC/SP – ana.mitidieri@terra.com.br).
Cristina Schiavon Garbelotto
(Mestre em Moda, Cultura e Arte – SENAC/SP – crisgarb@ig.com.br).

Resumo

Este artigo busca compreender o papel do traje da noiva na cena do casamento e na vida social feminina. Para tal, consideramos esse ritual de passagem como uma encenação, apoiando-nos nas teorias de Claude Rivière, Arnold van Gennep entre outros.

Palavras-chave: Noivas, traje de cena, ritual.

Abstract

This article aims to understand the role of the bride's dress at the wedding 'scene' and in women's social life. In order to achieve that and based on Claude Rivière and Arnold van Gennep's theories, we consider this rite of passage a 'staging'.

Keywords: Brides, the dress, ritual.

1° ato. A cena do casamento (cristão no ocidente)

Claude Rivière em *Os ritos profanos* de 1996, ao falar sobre os ritos de passagem, termo esse popularizado pelo antropólogo alemão Arnold van Gennep, no início do século XX, propõe a seguinte definição,

> Quer sejam bastante institucionalizados ou um tanto efervescentes, quer presidam as situações de comum adesão a valores ou tenham lugar como regulação de conflitos interpessoais, os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificados, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores e, habitualmente, para suas testemunhas (...). (1996, p. 30).

O uso da palavra "atores" nessa fala, indica a semelhança entre esses ritos de mudança de status sociais com encenações teatrais.

Ainda, outros autores tratam sobre a necessidade desses ritos. “Tanto para a sociedade tribal, quanto para nós, os rituais servem para conter a flutuação dos significados” (DOUGLAS e ISHERWOOD, 2004, p. 112). E ressaltam a importância da demarcação dos rituais, pois surgem para estabelecer os ciclos da vida:

> Há um tempo de viver, e um tempo de morrer, um tempo de amar. (2004, p. 113).
> Os rituais são convenções que constituem definições públicas visíveis. Antes da iniciação havia um menino, depois dela, um homem; antes do rito do casamento, havia duas pessoas livres, depois dele, duas reunidas em uma. (...) Viver sem rituais é viver sem significados claros e, possivelmente, sem memória. (2004, p. 112).

Muitos desses ritos sobrevivem a gerações embora, alguns deles, esvaziados de seu conteúdo simbólico de caráter mágico. Hoje representam mais um compromisso social, uma encenação teatralizada, do que demarcação de uma fase na vida do indivíduo.

Podemos considerar o casamento uma performance, um jogo de cena? Na atualidade os casamentos são tão “espetáculos” que se assemelham muito a cenas teatrais. Seriam como encenações onde as pessoas estão interpretando papéis. Como pudemos constatar, todo ritual é um pouco teatro, afinal tem personagens e movimentos pré-determinados. O casamento sendo um *rito de passagem* não foge a essa regra.

Na cultura brasileira, esse ritual associa-se fortemente à Igreja Católica o que leva à necessidade de esclarecer como o casamento era visto por essa instituição.

O impasse da Igreja estava entre hostilizar e advogar o casamento, posto que desde a época dos apóstolos o ideal espiritual do cristianismo seria manter a castidade (sendo esse o melhor caminho para a santificação), contudo não sendo possível aos cristãos conter seus impulsos e havendo a necessidade de *povoar a terra,* “(...) diz o apóstolo Paulo, ‘casem-se, porque é melhor casar do que arder’ (id.,VII, 8)” (PAVAN, 2008, p.44). Assim “o casamento havia de ser normalizado para que, como freio, fosse utilizado no resguardo do sentimento desregrado.” (PAVAN, 2008, p.44).

Segundo Vanessa Pavan em sua pesquisa,

> (...) a igreja tinha adversários ferrenhos dentro dela própria. Não houve uma unanimidade a respeito da aceitação do casamento. "*As núpcias povoam a terra e a virgindade o paraíso"* - fala de Jerônimo que, embora a tenha escrito no século V, era relembrado e citado pelos teólogos hostis ao matrimônio até quinhentos anos depois de seu pronunciamento.
> A normatização estrita da instituição matrimonial e do vínculo conjugal - monogâmico, indissolúvel e sagrado correspondeu à sistematização de uma liturgia. A partir do século XI, a começar pelos países anglo-normandos, o rito do *desposatio* passou a ser encenado (ou representado?) na porta da igreja. (PAVAN, 2008, p.45)

A Igreja Católica, então, inclui através de Pedro Lombardo em sua "Sentença", o matrimônio no rol dos Sete Sacramentos, em 1150. Esse ritual tornou-se sagrado como sobrevivência da religião e da família, a qual continuava sendo a principal forma de herança do poder de classe e também de continuidade da fé religiosa. Os cristãos apoderam-se do rito profano e outorgam a ele o valor religioso. O sacramento do casamento constitui a união através do laço familiar e institui pela descendência seu domínio na fé. Para a Igreja Católica ele é indissolúvel e monogâmico.

Tudo isso leva a crer que desde o início da era cristã, o rito casamento era considerado e citado como um jogo de cena, encenação ou representação. É interessante também notar que o ritual subsiste ao declínio da crença que o modela, afinal hoje a Igreja Católica já não tem tanto poder no que se refere a esse tema. A troca do símbolo pela ostentação pura e simples acaba derivando o significado do próprio ato. Separar a religião, deixando somente o aspecto ritual e cenográfico, é uma resignificação da cerimônia, que por esse aspecto torna-se apenas social e pública.

Atualmente, no rito do casamento, os nubentes nem sempre tem consciência de que, pelos dogmas da religião que estabeleceu esse rito, todas as promessas feitas na cerimônia religiosa cristã são obrigatórias, indiscutíveis e sagradas, mantendo a indissolubilidade do casamento, batizando os filhos oriundos dessa união conforme os dogmas por ela estabelecidos. Observamos, portanto, uma ausência de comprometimento com o próprio sistema dos rituais propostos por uma determinada religião. Até mesmo a dissolução de um casamento, que antes era entendido como laço indissolúvel, é hoje aceita em muitas sociedades ocidentais.

Na sociedade contemporânea[1] ocidental, os ritos cerimoniais envolvem a passagem do casamento como um acontecimento da vida social. No ritual[2] do casamento, o vestido de noiva aparece como o traje principal dessa cena.

Se o ritual do casamento pode ser considerado como cena, quais são os personagens dessa cena? Quem são os protagonistas, os coadjuvantes e a platéia? Quais elementos compõem essa teatralização? No Brasil o ritual tradicional Católico é o que povoa o imaginário da população e sua encenação costuma ser sempre semelhante mesmo quando não ocorrem dentro desta igreja.

Comumente vemos, independente de fé ou local de sua realização/encenação, o seguinte cenário:

- Na nave, bancos dispostos de costas em relação à entrada, divididos em duas partes separadas por um longo tapete (caminho). Nesses bancos serão acomodados os convidados que, como no teatro, é o local destinado à platéia.
- No sentido oposto à entrada localiza-se o altar/palco, onde os padrinhos (figurantes) e os pais dos noivos (coadjuvantes) deverão ficar em pé, sendo à esquerda os familiares da noiva e à direita os do noivo.
- Na formação desse cenário visualizamos o posicionamento do coral e instrumentos responsáveis por cada uma das músicas que acompanharão cada momento da encenação para os padrinhos, para o noivo, para as daminhas e a melodia mais retumbante para a entrada da noiva.
- Durante a cerimônia a cada acontecimento – troca das alianças, juras de amor, beijo dos noivos e comprimento dos noivos aos padrinhos e pais – músicas especiais serão tocadas e/ou cantadas.
- Comumente segue-se a seguinte ordem de entrada dos personagens em cena: os convidados entram aleatoriamente e, sem

[1] Quando utilizamos o termo contemporâneo, estamos referindo-nos ao atual, aos dias de hoje. De acordo com Diana Crane, "Os cientistas sociais não chegaram a um consenso sobre a natureza das sociedades ocidentais contemporâneas. Circula um punhado de rótulos, como 'pós-industrial', 'pósmoderna' e 'fragmentada' em oposição a outros mais antigos, como 'industrial', 'moderna' e 'de classes', que, no entanto, não foram descartados." (2006, p.453).

[2] "Na tradição francesa, os termos cerimonial e ritual possuem zonas semânticas vizinhas, com fronteiras indeterminadas e interpretações recíprocas como os termos rito e ritual a ponto de se tornarem, muitas vezes sinônimos!" (RIVIÈRE, 1996, p. 31).

nenhum tipo de demarcação, ocupam a platéia; o celebrante posiciona-se no altar/palco de frente para o público sem passar pela entrada principal; o noivo/coadjuvante acompanhado de sua mãe adentra pelo corredor central e posiciona-se à direita do altar/palco; a seguir vem os padrinhos, entrando em casais, percorrendo esse mesmo caminho e posicionando-se nas laterais do altar/palco; algumas vezes nesse momento, entram as daminhas de honra acompanhadas, ou não, de seus pajens, anunciando a entrada da protagonista, a noiva.

- Então se dá o grande e tão aguardado instante quando a platéia levanta-se ao som de cornetas, abrem-se as portas e a noiva adentra acompanhada de seu pai , na maioria das vezes, ao som da Marcha Nupcial. A esse impacto somam-se as expectativas dos convidados/platéia em relação ao vestido.
- O noivo a recebe e juntos encaminham-se para o centro do altar/palco de costas para a platéia e de frente para o celebrante/coadjuvante que comanda a cerimônia iniciando seu discurso/fala.

Assim se dá, com algumas pequenas mudanças, a grande maioria dos casamentos no Brasil, sejam eles na Igreja Católica, Evangélica, em salões de festas, em sítios ou em locais menos tradicionais como na praia. Descrevemos acima apenas algumas partes da cerimônia, mas as festas costumam contar com mais uma série de pequenas cenas que se repetem: a entrada dos noivos no salão sob aplausos, a valsa, o corte do bolo e mais um grande momento quando a noiva/protagonista joga o *bouquet* para as moças solteiras convidadas/platéia. De acordo com a tradição, a moça que conseguir pegá-lo será a próxima a casar.

Percebemos, dessa forma, como esses rituais assemelham-se a cenas de teatro com *script* previamente marcado, tendo cada pessoa/personagem direito a ensaios prévios.

Buscaremos mostrar a seguir o traje da protagonista noiva, sua importância na cena do casamento, os elementos que o compõem e de onde vem essa tradição.

2º ato. O traje da protagonista

O traje da noiva se destaca dos demais por ser único. Ele torna-se tradição e sua importância é tal que nenhum outro personagem pode sequer usar sua cor, o branco, que permanece como um dos principais aspectos de construção identitária do personagem noiva.

Consideramo-lo tradição, pois os elementos identitários – como definiremos a seguir – repetem-se a cada ano, mesmo passados alguns séculos. Se assim não o fosse, seria apenas moda, visto que a cada estação os costureiros (ou estilistas) propõem uma série de novidades. Sobre o assunto Seeling (2000, p. 292) traz a seguinte questão: "O que seria da alta-costura sem o casamento?". Guillaume Erner ainda acrescenta sobre esse assunto, ao descrever um desfile de alta-costura: "O desfile termina, o criador aparece, acompanhando o último número, o vestido de noiva, ou seguindo-o em passo ágil, como para recuperar o tempo perdido." (2005, p. 51). Assim, a moda mostra-se presente no traje da noiva através dos tempos em diversos elementos como o volume, o tecido, o corte ou detalhes de bordados, rendas, etc.

Na era cristã a Igreja Católica tinha a posse de todo o ritual/*script* do casamento. No final do Renascimento, o código de elegância barroca foi determinado pela corte católica espanhola que, no século XVII, ganhou primazia nos costumes europeus. Esta estabeleceu o preto como a cor correta a ser usada publicamente como demonstração da índole religiosa, sendo predominante também nos vestidos de matrimônio.

Porém por volta de 1840, a rainha Vitória[3] da Inglaterra, muda nesse *script* o traje da protagonista para sempre. Uma das grandes mudanças proposta por ela foi o uso da cor branca que se firmou como tradição no cerimonial do casamento, perpetuando esse hábito por gerações seguidas. Outras noivas já haviam usado a cor, porém nunca antes com a significação proposta por Vitória. Em sua união com Albert[4] foi registrado o primeiro vestido de noiva branco como o vemos hoje, carregando consigo a associação com a pureza e com o romantismo, visto que essa era a primeira noiva da realeza a casar-se declaradamente por amor. Esse traje já trazia todas as características da

[3] Nascida em 24/05/1819 e morta em 22/01/1901, reinou durante 64 anos (1897 a 1901) .
[4] Seu título completo era Príncipe Francis Charles Augustus Albert Emmanuel de Saxe-Coburg-Gotha, segundo herdeiro do principado alemão.

indumentária de noiva dos nossos dias: o vestido era branco, assim como o véu completado por uma grinalda de flores de laranjeiras. Seu diferente traje branco ficou marcado como um símbolo de noiva na cultura ocidental contemporânea.

Outro acontecimento contribui para firmar o branco como cor tradicional para noivas em seus casamentos: em 1854, na *Bula Ineffabilis Deus*, o Papa Pio IX proclamou que essas moças deveriam fazer, através do traje branco, alusão à Maria Imaculada, assim como à Imaculada Conceição. Esta fala papal estabeleceu no Romantismo um padrão católico delegando à virgindade, um papel primordial para a qualidade da noiva. Esta bula agregou à sua vestimenta um adereço de mão que podia ser um terço ou um pequeno livro de orações, porque além de casta, a noiva deveria ser também religiosa.

A partir de meados dos anos 1920, o branco passou a ser considerado inadequado para ser usado em vestidos de noivas que estavam se casando pela segunda ou terceira vez e para aquelas cuja gravidez já se apresentava visível. Mesmo que essa cor reine absoluta como símbolo, numa associação inicial com a pureza, a castidade e a inocência, Lurie observa que essas regras (sobre o uso do branco pelas noivas), nem sempre são obedecidas, sendo improvável que as noivas sejam sempre virgens puras. Sobre o assunto a autora ainda afirma que,

> (...) é possível que a função do vestido e o véu da noiva brancos seja mágica: que vesti-los em uma noiva cancele suas experiências anteriores, de modo que comece a vida de casada emocional e simbolicamente, se não fisicamente, intacta. (LURIE, 1997, p.198).

Além da cor branca os outros elementos reservados e caracterizadores do traje da noiva são o véu, o *bouquet* e a grinalda. Um traje compreende não somente o vestido em si, mas tudo que o envolve. Estaria vestida de branco, não de noiva, uma moça que não estivesse envolta em um translúcido véu ou ornada por uma coroa de flores ou de pedras preciosas, que não levasse nas mãos um ramo de flores, um terço ou um missal? Afinal o vestido branco, apesar de sua força emblemática, por si só não representa o personagem noiva. Ele deve ser cercado dos elementos que ganharam seus significados em tradições que irão destacá-lo como o traje que a noiva usará no dia de seu casamento. Somente ela tem direito a esse traje tão específico nessa cena, a do casamento.

Deve-se o uso do véu branco também à Rainha Vitória da Inglaterra, afinal foi quem o inaugurou, assim como a utilização da grinalda de flores de laranjeiras. “Seja qual for a sua origem, o rito do véu torna-se a pouco e pouco espetacular.” (BOLOGNE, 1999, p.59-61). O véu, desde então, ocupa a nave da igreja enquanto a noiva caminha para o altar, vedando de certa forma sua imagem enquanto de costas para a platéia.

O *bouquet*, ramo de flores que a noiva carrega nas mãos durante o transcorrer do casamento, foi, ao longo dos anos, outro elemento simbólico, agregado ao traje. É bem possível que a divulgação do seu uso deva-se à corte portuguesa, pois no casamento da Rainha Dona Amélia de Orleans com D.Carlos, em 1886, a noiva segura um *bouquet* de flores. A sua simbologia é de vida e fertilidade. Na Grécia antiga as noivas levavam ramos de ervas e cereais para afastarem os espíritos malignos.

A importância do traje completo na cena do casamento é dada pelo destaque da noiva em relação aos outros personagens por esses elementos simbólicos que o compõem.

Mesmo sendo a cor a marca mais visível e importante, os outros elementos também identificam a protagonista, diferenciando-a. Quando a noiva abre mão de um ou mais desses elementos, ela abdica de sua posição de destaque possibilitando ser confundida com madrinhas/figurantes e até mesmo com convidadas/platéia.

Conclusão

Ao considerarmos a cerimônia do casamento uma performance, um jogo de cena, o traje da noiva ganha destaque, sendo o elemento visual que diferencia essa personagem principal dos coadjuvantes e figurantes da cena.

A cor branca, o véu, o *bouquet* e a grinalda são imprescindíveis para a noiva que deseja mostrar-se como tal. A ausência de um ou mais desses elementos descaracteriza a personagem, dificultando ou ainda impossibilitando seu reconhecimento.

Para Elie Saab, mestre da alta-costura na atualidade, “El traje de novia no sólo representa el vestido excepcional, sino también el acontecimiento más especial em la vida de uma mujer, del que me gusta tomar parte”. (Revista *!Hola¡* – Extraordinario, Alta-Costura, Primavera-Verano 2009).

Essa fala ressalta a importância desse traje não apenas na cena do casamento, mas também na vida social da mulher, visto que é ele quem dá visibilidade para a primeira mudança de estado civil que ela passa. É esse traje que mostra à sociedade que a mulher deixou de ser solteira para tornar-se casada, deixou de ser só para tornar-se companheira. Apesar de todas as transformações do papel social feminino, o status de casada ainda é ansiado e aguardado como item essencial para a felicidade. Talvez esse seja o motivo de o ritual de casamento formal e tradicional ser ainda tão realizado em uma sociedade em que as tradições já não tem tanta força. E é exatamente a perda dessa força que transforma o casamento numa cena tão teatralizada, alimentada pelo sonho feminino e compreendida como sua melhor performance.

Nesse contexto o traje define a personagem noiva e mostra à sociedade em que ela está inserida que essa mulher - incorporada no personagem - a partir desse dia, aponta para uma perspectiva de vida de conto de fadas, com final feliz.

Referências

BOLOGNE, Jean Claude. *História do Casamento no Ocidente*. Trad. Isabel Cardeal. Lisboa: Temas e Debates, 1999.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social*: *classe, gênero e identidade das roupas.* Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DOUGLAS, Mary. ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda?: como a criamos, por que a seguimos.* Trad. Eric Roland René Heneault. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

GENNEP, Arnold van. *Os Ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1977.

LURIE, Alison. *A linguagem das roupas*. Trad. Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PAVAN, Vanessa Maria Silva e Souza. *Dia de princesa: ritual de casamento.* Orientadora Profa. Dra. Eliane Robert Moraes. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte) . Centro Universitário SENAC, São Paulo, 2008.

Revista *!Hola¡* – Extraordinario, Alta-Costura, Primavera-Verano 2009.

RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

SEELING, Charlote. *Moda: o século dos estilistas 1900 – 1999.* Trad. Letrário. Colónia, DE: Konemann, 2000.